

HAMILTON DE HOLANDA

O JOVEM MESTRE DO BANDOLIM

Bernardo Scartezini
Da equipe do **Correio**

Um dos Dois de Ouro, Hamilton de Holanda, metade do grupo de chorinho mais famoso de Brasília, é considerado um dos melhores músicos do Brasil. Um admirador de Jacob do Bandolim que aos 22 anos já reúne experiência suficiente para ser um jovem mestre do instrumento. Agora, não pergunte por que ele escolheu o bandolim. Hamilton simplesmente não vai saber lhe responder.

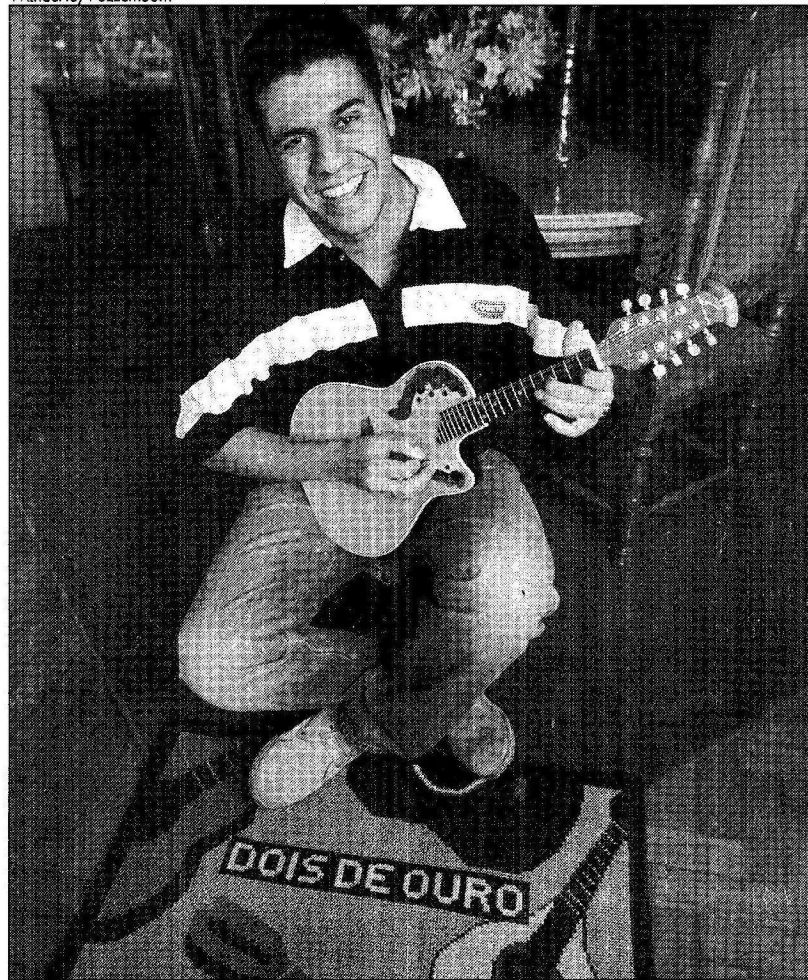
Uma resposta, porém, a mais óbvia, seria: porque ele ganhou um bandolim da avó, no natal de 1981 e desde então não largou mais de fazer música. Mas Hamilton, se tiver que dar alguma resposta, prefere es-

premer outra, mais subconsciente: porque a música que a avó mais gostava era *Naquela Mesa*, composta por Sérgio Bittencourt em homenagem ao seu pai Jacob do Bandolim. Em homenagem ao falecido, a canção é levada num bandolim. “É, pode ser isso, sei lá...” Ele não é nem um pouco enfático.

Aos fatos: cinco anos antes do bandolim entrar em sua vida, Hamilton de Holanda nasceu no Rio de Janeiro. Praticamente apenas nasceu lá. Aos onze meses, estava em Brasília, ao lado da família.

O pai, José Américo, pernambucano, é funcionário público e, por causa da profissão, a família foi de Pernambuco para o Rio para Brasília. Américo, 60 anos, é da formação original do grupo Choro Livre e

Wanderley Pozzembom



BRINCADEIRA DE CRIANÇA

Hamilton é um talento precoce. Aos quatro anos, gravou um samba em homenagem ao Flamengo. Seu primeiro show foi em setembro de 1982

volta e meia aparece com o Dois de Ouro tocando violão. Fernando César, irmão de Hamilton, cinco anos mais velho, é a outra metade do

Dois de Ouro. No meio da música, a mãe Ielva, a Dona Teba, cuida da casa e fica ressentida quando o resto da família viaja para dar shows e

a deixa para trás, no apartamento da 103 Sul, onde mora com Hamilton e José Américo.

Aos quatro anos Hamilton ensaiava o futuro. Uma gravação caseira, armada por José Américo, onde canta um samba em homenagem ao Flamengo. Depois ganhou uma escaleta — logo trocada pelo bandolim. A primeira canção que ele se lembra de ter ouvido foi *Apelo* (Vinicius de Moraes/Baden Powell). “Em casa sempre se ouviu muita coisa, de chorinho a Frank Sinatra, tudo que era bom”, conta.

Em cinco de setembro de 1982, o primeiro show. Tocando bandolim, nos primórdios do Clube do Choro. Praticamente o Clube do Choro e Hamilton de Holanda cresceram juntos. Hoje ele dá aulas de bandolim no local. “O Clube é muito importante. Se Brasília tem espaço para o choro, é por causa desse lugar”, nota.

Mas a transição entre uma criança prodígio e um músico de talento não foi automática. A brincadeira virou assunto sério com o primeiro show do Dois de Ouro longe da capital. Foi no Rio de Janeiro, em 1985, dentro do Projeto Pixinguinha. “Era um público diferente, fomos lá só para tocar e conseguimos conquistá-los.”

Mesmo com o choro tão perto de si, Hamilton de Holanda bem que tentou desviar sua atenção. Fez vestibular para Contabilidade. Contas, contas, contas. Nem chegou a terminar o curso. Se era para ter um diploma, que fosse no que ele curte.

Prestou outro vestibular e entrou no Instituto de Música da UnB.

Aulas de manhã. Aulas de tarde. De manhã, Hamilton é aluno, aprende música clássica. De tarde, no Clube do Choro ou numa sobreloja da 504 Sul, é a vez de ele ensinar os manejos do bandolim. De noite, em casa, ensaio do Dois de Ouro. Não, os vizinhos não reclamam. “Eles até se preocupam quando não ouvem a música, pensam que algo aconteceu”, ri Hamilton. “A vizinha de baixo chega até a telefonar”, conta José Américo.

Hamilton não passa mesmo muito tempo longe das cordas. “É preciso ensaiar sempre.” Para melhor aprender o bandolim, ele passou por outros instrumentos. Teve aulas de violão. Quando entrou para a Escola de Música de Brasília, aprendeu violino. “Eles não davam aula de bandolim, peguei o violino pois a afinação é a mesma”, explica.

Em 1995 o Dois de Ouro lançou seu primeiro disco, *Destroçando a Macaxeira*. O segundo CD, *A Nova Cara do Velho Choro*, acaba de sair. “Vou fazendo meu choro, tentando mostrá-lo para o maior número de pessoas possível”, diz o músico. Assim, este mês ele embarca para a Venezuela, para o primeiro show do Dois de Ouro além-fronteiras, depois de conquistar Brasília, Sudeste e Nordeste. “Tudo o que quero é fazer música e ter meu talento reconhecido. Sempre mostrando o chorinho, um som bem brasileiro que não morreu e sempre continuará vivo.”